PORNOGRAFIA DA MORTE: UMA LEITURA DE *MULHERES EMPILHADAS*, DE PATRÍCIA MELO

PORNOGRAPHY OF DEATH: A READING OF *MULHERES EMPILHADAS*, BY PATRÍCIA MELO

PORNOGRAFÍA DE LA MUERTE: UNA LECTURA DE *MULHERES EMPILHADAS*, DE PATRÍCIA MELO

Pauliane AMARAL [*]

Resumo: Este artigo analisa a representação da violência de gênero no romance *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, em elementos como a masculinidade tóxica e a pornografia. A análise aqui proposta se vale de dados oficiais acerca da violência contra a mulher no Brasil, assim como de conceitos relevantes aos estudos de gênero. Tendo o feminicídio como tema central, o livro também aborda questões congêneres, como o sexismo presente no sistema judiciário, ainda regido por uma mentalidade patriarcal, e mostra como a ficção pode refletir a realidade ao mesmo tempo em que a questiona. A hipótese é a de que, ao tratar da pornografia – desde a comercial até o *revenge porn* – a autora-criadora mostra que sua visão de mundo está alinhada à das feministas anti-pornografia, que entendem esse tipo de conteúdo como um dos pilares que sustentam a misoginia.

Palavras-chave: Estudos de Gênero; Feminicídio; Literatura Brasileira Contemporânea; Masculinidades; Violência Contra a Mulher.

Abstract: This article analyzes the representation of different aspects of gender violence in the novel *Mulheres empilhadas* (2019), by Patrícia Melo, such as toxic masculinity and pornography. The analysis proposed here is based on official data about violence against women in Brazil, as well on concepts that pertain to the field of Gender Studies. With femicide as a central theme, the book also addresses related issues, such as the failures of the judicial system, still governed by a patriarchal mentality, and shows how fiction can reflect reality and, at the same time, challenge it. The hypothesis proposed here is that, when dealing with pornography – from commercial porn to porn revenge – the author-creator shows that she is aligned with anti-pornography feminists, who understand this type of content as one of the pillars of misogyny.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature; Femicide; Gender Studies; Masculinities; Violence Against Women.

[*] Mestranda em Estudos de Linguagens e pesquisadora com ênfase na área de teoria literária e literatura brasileira, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato: paulianeamaral@gmail.com.

Resumen: Este artículo analiza la representación de elementos que componen los pilares de la violencia de género en la novela *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, como la masculinidad tóxica y la pornografía. El análisis se basa en datos oficiales sobre la violencia contra las mujeres en Brasil, así como en conceptos de los estudios de género. Tiendo el feminicidio como tema central, el libro también aborda temas como la perniciosidad del sistema judicial, aún regido por una mentalidad patriarcal, y muestra cómo la ficción puede reflejar la realidad al mismo tiempo en que la cuestiona. La hipótesis que aquí se plantea es que, cuando se trata de la pornografía – desde la pornografía comercial hasta el *porn revenge* – la autora-creadora demuestra que su cosmovisión está en línea con la de las feministas anti-pornografía, que entienden este tipo de contenidos como uno de los pilares de la misoginia.

Palabras-clave: Estudios de género; Feminicidio; La violencia contra las mujeres; Literatura brasileña contemporánea; Masculinidades.

Introdução

No universo da literatura brasileira contemporânea, *Mulheres empilhadas* (2019) se destaca como um dos poucos romances que trazem a violência contra a mulher tema central de sua narrativa, e não apenas um episódio pontual no percurso de determinada personagem. Nesse sentido, o livro dialoga com o romance *Paraíso* (2014), de Tatiana Salem Levy, cuja narrativa também expõe os diversos tipos de violências contra a mulher através da trajetória de suas personagens.

Apesar da Lei do Feminicídio (Lei 13.104/15) ter contribuído para que a população brasileira, as esferas governamentais e jurídicas se dessem conta da assustadora recorrência desse tipo de crime, os dados ainda são alarmantes e no ano de 2020 cresceram ainda mais em razão da crise causada pelo Covid-19, quando mulheres e seus parceiros precisam ficar confinados em um mesmo espaço, potencializando as dinâmicas da violência que já existiam na relação. Segundo dados levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (BOND, 2020, não paginado), durante a pandemia do novo coronavírus, houve um aumento de 22% nos registros de casos de feminicídio no Brasil. A isso se soma o fato de que os dados coletados oficialmente representam apenas uma parcela dos crimes de feminicídio no país[1].

[1] Ver Cerqueira (2021, p. 41), sobre a hipótese da subnotificação dos homicídios registrados pelo sistema de saúde em 2019.

Esses dados ressaltam a importância do livro de Patrícia Melo no quadro da literatura brasileira contemporânea, especialmente entre as obras produzidas por escritoras. Através de suas personagens, Melo expõe a desvalorização da mulher na sociedade brasileira, assim como os mecanismos que sustentam a desigualdade de gênero:

> Nada mais fácil do que aprender a odiar as mulheres. O que não falta é professor. O pai ensina. O Estado ensina. O sistema legal ensina. O mercado ensina. A cultura ensina. A propaganda ensina. Mas quem melhor ensina, segundo Bia, minha colega de escritório, é a pornografia. (MELO, 2019, p. 73).

Considerando todos os aspectos relacionados à preservação do patriarcado, que culminam na perpetuação da violência contra a mulher, a narrativa motra que a pornografia tem papel central na construção de masculinidades tóxicas, ou seja, de comportamentos e práticas sociais que sancionam e naturalizam a dominação das mulheres pelos homens. "Algumas características da masculinidade dizem respeito à dominação, à dureza e à assunção de riscos, o que, recentemente, se tem designado por masculinidade tóxica ou caixa da masculinidade" (CONCEIÇÃO, 2019, p. 159).

Mudar a ideia de masculinidade vigente tem sido um dos desafios da luta pela igualdade de gênero, tanto dentro do Movimento Feminista quanto do Movimento LGBT e hoje podemos acompanhar diversas iniciativas no mundo nesse sentido, à exemplo da campanha da ONU *He for She* ("Ele por Ela").

A gênese do romance

Em *Mulheres empilhadas*, Patrícia Melo elege, pela primeira vez, uma mulher como protagonista de um de seus romances. A escolha parece se relacionar com a natureza do projeto, encomendado pela editora Leya, que pediu à Melo que criasse uma narrativa que tratasse de algum dos aspectos da vida da mulher brasileira. Analisando como esse romance se relaciona com os anteriores, Melo nota que eles convergem ao tratarem do que a escritora chama de patologias urbanas, como violência, desigualdade, entre outras questões sociais (MELO, 2019, [entrevista]).

Emulando a barbárie dos feminicídios reais, não há sutilezas na representação da violência contra a mulher no romance *Mulheres empilhadas*, seja no escopo do íntimo—representado na relação da protagonista com o seu namorado—ou do público, simbolizado através da representação de um sistema jurídico viciado que permite a absolvição de três jovens (brancos e de classe média alta) pelo feminicídio da índigena Txupira, uma adolescente de 14 anos. A descrição crua de feminicídios ao longo da narrativa afasta qualquer possibilidade de ler a relação entre vítima e algoz na clave do erotismo e lança o leitor em um mundo de perversidade e abjeção. Assim o leitor é apresentado à pornografia mais hedionda: aquela em que a mulher é objetificada até a morte.

Pautado em muita pesquisa, feita em parceria com a jornalista Emily Sasson Cohen, *Mulheres empilhadas* tenta amalgamar todos os aspectos que envolvem a violência contra a mulher no Brasil, do *revenge porn* ao feminicídio, da violência doméstica à violência institucional.

A protagonista, que conta a história das mulheres mortas, empilhadas em pilhas de processos e em manchetes de jornais, é uma jovem advogada paulistana que, depois de levar um tapa do namorado em uma festa, decide acompanhar um mutirão de julgamentos de feminicídios no Acre, a serviço do escritório onde trabalha (MELO, 2019, p. 19-20). O tapa também reaviva na protagonista a lembrança do feminicídio que tirou a vida de sua mãe, rompendo o silêncio que ela criou ao redor do trauma como forma de auto-preservação. A descrição da morte da mãe (MELO, 2019, p. 166) — testemunhada pela filha aos quatro anos de idade — remete ao feminicídio da advogada Mércia Nakashima, que chocou o Brasil em 2010.

A protagonista é a única personagem não nomeada na narrativa, uma forma encontrada por Patrícia Melo para indicar que ela representa uma pluralidade de mulheres[2]. Essa fusão de diferentes mulheres também pode ser vista na capa do romance, uma colagem que une o nascimento da Vênus de Botticelli ao nascimento de Oshun, de Harmonia Rosales. Quanto ao título do livro, a palavra empilhada.

> [...] sublinha a desvalorização do conteúdo, como é típico do que é empilhado, revelando a perda do valor individual da vida de cada

[2] A afirmação é baseada em entrevista concedida pela escritora (MELO, 2019 [Entrevista]).

> mulher perante a sociedade e o Estado misóginos, que não só possibilitam como compactuam com os crimes relatados no romance. (SILVA, 2020, p. 9).

Ao longo da narrativa há referências a feminicídios reais: nos capítulos numerados de 1 a 11 surgem recriações dos relatos desses crimes (que também poderiam ser lidos como contos ou microcontos), sendo que em alguns a vítima chega a ser nomeada, como é o caso do capítulo 6, que trata do feminicídio da advogada paranaense Tatiana Spitzner (MELO, 2019, p. 48). Apenas o capítulo 12 trata da morte da fictícia promotora Carla Penteado, criando uma ligação entre o universo extra-literário e a narrativa.

Nos capítulos de A a Z o leitor acompanha a viagem da advogada ao Acre, o início de sua amizade com a promotora de justiça Carla, seu envolvimento com o caso Txupira e com a jornalista Rita. Assim como a protagonista, Carla e Rita são duas mulheres fortes, que desafiam o universo patriarcal e coronelista da cidade de Cruzeiro do Sul. Há uma evidente relação entre o modo de vida dessas mulheres e os ideais feministas, no qual a mulher – emancipada – é responsável por suas escolhas e sua história.

As personagens da advogada, da promotora e da jornalista compartilham dos mesmos preceitos éticos e emanam sororidade, "fundamentada no comprometimento de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma" (HOOKS, 2018, p. 33). É sintomático que as personagens de Rita e Carla, ao desafiarem a sociedade patriarcal de Cruzeiro do Sul – uma espécie de microcosmo da sociedade brasileira – sejam assassinadas.

Enquanto o assassinato de Rita tem uma conotação política (ela morre após denunciar em uma reportagem a manipulação dos jurados do caso Txupira, que absolvem os três jovens abastados filhos de seringueiros da região, expondo a perniciosidade do Poder Judiciário), Carla é assassinada pelo ex-namorado Paulo, homem que revela ser um "justiceiro" ao confessar o assassinato dos três acusados do feminicídio de Txupira.

A ideia do homem justiceiro representada pela personagem Paulo nasce de uma concepção equivocada de masculinidade, na qual o homem é responsável pela proteção da mulher, entendida como fraca e indefesa. Segundo essa lógica, toda mulher precisaria de um homem

para se sentir segura. Porém, em um mundo regido pela igualdade entre os gêneros, as mulheres não precisariam se preocupar em ter o seu corpo e seus direitos violados, tornando obsoleta a figura do justiceiro.

Em entrevista, a autora-criadora mostra ter consciência da relação entre a figura do justiceiro e a perpetuação do machismo. Tal consciência impediu que a escritora recorresse à *persona* da mulher vingadora, como acontece com muitas abordagens cinematográficas do tema[3]:

> E se eu fizesse uma matadora? Uma personagem que sai cobrando da sociedade patriarcal tudo que lhe é negado: segurança, emancipação... Seria usar a mesma lógica patriarcal, mas invertida. (MELO, 2019 [Entrevista]).

Apenas nos capítulos nomeados pelo alfabeto grego – "alfa", "beta", "gama", "delta", "épsilon", "zeta" e "etá" –, que tratam dos transes da protagonista durante o ritual da Ayahuasca, podemos vislumbrar uma busca por reparação. Durante o transe, a reparação surge como alegoria, que une as experiências traumáticas da protagonista à história das índias guerreiras Icamiabas que, segundo a lenda, viviam em uma sociedade matriarcal e cuja lenda originou, no século XVI, o mito das lendárias Amazonas onde hoje é a região Norte do Brasil.

Pornografia da Morte

As personagens Luís Crisântemo Alves, Abelardo Ribeiro Maciel e Antônio Francisco Medeiros – que estupram, torturam e matam a jovem indígena Txupira – são descritas pela narradora de *Mulheres empilhadas* como filhos de fazendeiros que vivem como playboys, "surfando, saindo de boate, entrando em lancha, pilotando motos ou carros luxuosos, sempre acompanhados de beldades" (MELO, 2019, p. 64).

> No diário local havia uma chamada de capa para o julgamento que começaria naquela manhã.

[3] Dois exemplos recentes desse tipo de narrativa podem ser vistos nos filmes *A Vigilante* (Sarah Daggar-Nickson, 2018) e *Destroyer* (*O Peso do Passado*, Karyn Kusama, 2019).

> A foto mostrava três rapazes sorridentes – o mais velho não devia ter vinte e cinco anos –, encostados num SUV preto, enlameado. Botas & chapéus. Figuras másculas. Ao fundo, à direita, um tanto desfocados, outros moços, todos com copos de cerveja na mão. O cenário não poderia ser melhor, céu limpo, piscina azul, o tipo de imagem que faz a gente pensar num montão de dinheiro, papai rico, vida feita, sem preocupação. Estudantes universitários, dizia a legenda. Meninos sortudos, era a conclusão óbvia. Nada ali antecipava a psicopatia do trio que estuprou, torturou e matou uma adolescente da aldeia Kuratawa. (MELO, 2019, p. 27).

A descrição dos jovens como "figuras másculas" corresponde a uma certa ideia de masculinidade ainda dominante e prepara o leitor para a descrição do feminicídio por eles cometido: "[...] o corpo de Txupira foi encontrado boiando, de costas, os braços amarrados. Seus mamilos foram extirpados. E dentro do seu útero encontraram cacos de vidro" (MELO, 2019, p. 31).

A brutalidade da morte de Txupira passa pela associação entre estupro e tortura, revelando um aspecto grotesco dos assassinos, que subjugam a menina até sua morte. Além do trio responsável por matar Txupira e Paulo (que mata a namorada e promotora Carla Penteado), a misogínia é representada na descrição de outro feminicídio: o assassinato de Scarlath por Fares, feita a partir do que a narradora observa durante o Tribunal do Júri.

> À tarde, no plenário, além de mim, só havia a mãe e irmã da Scarlath, a vítima, uma negra de 26 anos, para quem Fares, um borracheiro, emprestou dez reais. O calvário de Scarlath começou no dia em que ela foi devolver o dinheiro na borracharia. Fares demorou dois dias inteiros para matar Scarlath, e fez um trabalho de açougueiro, cortou primeiro as pernas, depois os braços, depois a cabeça, depois recortou os peitos, a vagina, tudo filmado. Nas paredes da oficina de Fares, havia vários calendários do ano em que ele matou Scarlath e de outros anos anteriores, com fotos de mulheres lindíssimas, nuas, mostrando os peitos, a boceta, o cu, agachadas, de pernas abertas, com a boca entreaberta, os dentes maravilhosos mordiscando os lábios perfeitos, olhar convidativo, naquele clima de vem-me-comer, e Fares gostava de praticar tiro ao alvo usando aqueles calendários. Mirava o peito, mirava a bunda, o cu, e lançava os dardos. As fotos ficavam todas furadas. A última coisa que ele fazia era furar, com chave de fenda, os

> olhos das mulheres bonitas. O celular de Fares era cheio de vídeo pornográfico.
> [...]
> Fiquei com preguiça de ouvir a defensora. Sei que ela estava apenas fazendo o trabalho dela, de ampla defesa, mas a gente se cansa de ouvir bobagem, como se, por ser prostituta, Scarlath merecesse o fim que teve. Ou ainda: que Scarlath não merecia o julgamento que estava tendo. Por ser prostituta. Por quatro a três, os jurados mandaram Fares para a prisão. Dezoito anos de detenção, decretou o juiz.
> Ao sair do tribunal, falei rapidamente com a mãe de Scarlath.
> [...]
> – Minha filha não é prostituta – me disse a mãe de Scarlath. Não posso descrever o quanto aquilo me comoveu. (MELO, 2019, p. 75-76).

No trecho em que é descrito o julgamento do feminicídio de Scarlath, o leitor se depara com a dor da mãe, que não só é obrigada a reviver o brutal assassinato da filha, como também a vê sendo retratada como prostituta, em uma tentativa de desqualificar a vítima, já que em uma sociedade de valores patriarcais a vida de uma prostituta vale muito pouco ou nada. O trecho também revela que a estratégia possivelmente influenciou os jurados, que mesmo após a exposição dos detalhes atrozes do crime, condenaram o réu em um placar apertado de quatro a três. Heleieth Saffioti já observava essa dinâmica em *Gênero, Patriarcado e Violência* (2004):

> O julgamento destes criminosos sofre, é óbvio, a influência do sexismo reinante na sociedade, que determina o levantamento de falsas acusações – devassa é a mais comum – contra assassinada. A vítima é transformada rapidamente em réu, procedimento este que consegue, muitas vezes, absorver o verdadeiro réu. Durante longo período, usava-se, com êxito, o argumento de legítima defesa da honra, como se esta não fosse algo pessoal e, dessa forma, pudesse ser manchado por outrem. Graças a muitos protestos feministas, tal tese, sem fundamento jurídico ou de qualquer outra espécie, deixou de ser utilizada. O percentual de condenações, contudo, situa-se aquém do desejável. (SAFFIOTI, 2004, p. 48).

Outra questão suscitada pelo trecho em que a advogada-narradora descreve a morte de Scarlath é o papel da pornografia como uma das portas de entrada da misoginia e um dos pilares das

masculinidades tóxicas, quando modelos e comportamentos violentos contra a mulher que passam a ser normalizados.

A associação entre material pornográfico e o ódio às mulheres aparece em diversos trechos do livro, com destaque para aqueles que envolvem a personagem Bia, "encarregada de catalogar os crimes que envolviam desmembramento, mutilação ou evisceração de mulheres para o livro que Denise estava escrevendo" (MELO, 2019, p. 75). Em conversa com a protagonista, Bia exalta a perniciosidade da pornografia:

> – Essas porras dessas feministas hardcore têm razão – disse. – Onde esses putos aprendem a fazer isso conosco? Nas aulas de pornografia que recebem a vida inteira – respondeu ela mesma [...] a pornografia foi criada pelos mesmos caras que queimavam bruxas. Quando eles não puderam mais se divertir com bruxas e pirotecnias, eles inventaram uma outra forma de matar mulheres: a pornografia. Entendeu?
> – A pornografia – dizia ela – é uma verdadeira máquina de produzir assassinos de mulheres. Os caras passam a vida vendo aquela bosta, vendo nego colocar algemas naquelas bocetas, nego descendo o chicote no nosso lombo, e acabam achando normal esganar a própria mulher quando se sentem contrariados. (MELO, 2019, p. 76).

Em outro trecho Bia fala sobre um tipo extremo e grotesco de pornografia, que envolve a morte e mutilação da mulher:

> – Eu acreditava que pornografia era aquela coisa de cu e xoxota para homem broxa, mas você não tem ideia do que a Denise me mandou ler. Já ouviu falar numas merdas chamadas *snuff*? Cacete! Sabe o que é o cara matar a mulher, arrancar o útero dela e ejacular? O cara ejacula segurando nosso útero! (MELO, 2019, p. 24-25).

No filme *9mm* (Joel Schumacher, 1999), a personagem de Nicolas Cage mergulha no submundo da indústria pornográfica para investigar a origem de um vídeo que mostra a tortura e a execução de uma jovem. Hoje, conteúdos como esses podem ser acessados através da *deep web*, a parte da Internet que está oculta dos mecanismos de pesquisa convencionais (como Google) e que constitui uma terrível rede de difusão de material pornográfico criminoso, como os que envolvem pedofilia.

O debate sobre a relação entre pornografia e violência contra a mulher está no centro das questões abordadas pelo movimento feminista, sendo que há uma divisão entre as feministas anti-pornografia, ou pró-censura, que entendem que

> [...] a exposição à pornografia é causa direta de violência (sexual ou outra) contra as mulheres, ou pelo menos condiciona - pelos mecanismos psicológicos da aprendizagem - a agressividade masculina nesse sentido, levando potencialmente os seus consumidores (homens) a tais atos de violência. (PINTO, 2010, p. 377).

Já as teóricas feministas alinhadas à visão do grupo *The Feminist Anti-Censorship Taskforce*, defendem que "a pornografia tem algumas funções sociais que beneficiam as mulheres" (SNITOW, 1992, p. 14 *apud* SILVA, 2013, p. 155):

> A existência da pornografia serviu ao questionamento dos costumes sexuais, para colocar em ridículo a hipocrisia sexual e para destacar a importância das necessidades sexuais. A pornografia porta outras mensagens que não o ódio às mulheres: ela promove a aventura sexual, o sexo fora do casamento, o sexo motivado unicamente por prazer, o sexo casual, o sexo anonimo, o sexo grupal, o sexo voyeurístico, o sexo ilegal, o sexo público (DUGGAN *et al*., 1992, p. 82 *apud* SILVA, 2013, p. 155).

Observamos que a narrativa de *Mulheres empilhadas* não dá espaço para o entendimento da pornografia como algo benéfico às mulheres, mostrando que a autora-criadora Patrícia Melo—através do discurso da personagem Bia—está ideologicamente mais próxima das feministas anti-pornografia.

Outro aspecto da relação entre pornografia e violência contra a mulher surge através de uma experiëncia vivida pela protagonista: após terminar o relacionamento com o também advogado Amir, a protagonista de *Mulheres empilhadas* acaba se vendo vítima de um tipo de violência cada vez mais comum: o *revenge porn*[4]. O conceito, traduzido como *pornografia da vingança*, denomina a disseminação não autorizada de cenas de sexo ou nudez de uma pessoa, sem a autorização

[4] Ver CITRON, 2014, p. 346.

desta, com o objetivo de praticar vingança ou humilhação, dando início ao ciclo chamado de *slut-shaming*.

Apenas em 24 de setembro de 2018 foi editada a Lei 13.718/18, que, apesar de não enquadrar especificamente o *revenge porn* como um crime por si só, o considera uma causa de aumento de pena do crime de divulgação de cena de sexo ou nudez sem o consentimento da vítima, novo tipo penal incluído através do Art. 218-C.

Entre os casos mais emblemáticos de *revenge porn* no Brasil estão os das adolescentes Júlia Rebeca dos Santos, de Parnaíba (PI), e Giana Laura Fabi, de Veranópolis (RS), que tinham 17 e 16 anos respectivamente quando cometeram suicídio para dar fim às perseguições iniciadas após a divulgação de vídeos e fotos íntimas. Em *Mulheres empilhadas* o ciclo do *slut-shaming* é descrito pela protagonista por meio da citação de comentários dos usuários de sites especializados na disseminação de *revenge porn*:

> [...] eu havia cometido o erro de ler os comentários dos consumidores daquela pornografia light, pornografia caseira, pornografia produzida pelo namorado, sem eu saber, sem que eu quisesse ser filmada pelo meu namorado, pornografia-facada-nas-costas, "sei muito bem o que fazer com putas como você", comentou um, "ai, que vontade de botar fogo nessa boceta", comentou outro, "nós samo (sic) carente (sic) de bucetas (sic) grátis", disse este, "colocaí na sua boceta uma placa sob-nova-direção e vem aqui para minha casa que eu te (sic) saúdo teúda e manteúda", escreveu picadotamanhodeumposte@hotmail.com, só de ler os comentários eu tinha material mais que suficiente para chorar o resto da vida, chorar uma eternidade até me dissolver completamente. (MELO, 2019, p. 131).

A protagonista do romance de Patrícia Melo remedia a exposição perpetrada pelo ex-namorado Amir através de um processo judicial por reparação de danos e da criação de um site chamado *mulheresempilhadas.com*, no qual ela expõe sua versão dos fatos e conta a história de sua mãe e da matança de mulheres com que se depara em sua jornada no Acre. E assim, encenando a superação de diversos traumas, a autora-criadora apresenta a possibilidade da mulher continuar vivendo em um mundo ainda dominado pelo patriarcado, em que os homens aprendem—com o pai, a mídia, o sistema jurídico, a pornografia—a odiar as mulheres, a sujeitá-las a seu poder, enquanto

mulheres guerreiras representadas pelas Icamiabas, por Txupira, por Zapira, por Carla, por Rita e pela protagonista lutam pela sua emancipação, por um mundo no qual a mulher tenha o direito de viver sem medo.

Ironicamente, talvez o único equívoco da autora-criadora seja fazer com que a protagonista do romance repita uma frase dita pela própria autora em diversas entrevistas: a de que "o Feminicídio é um crime democrático" (MELO, 2019, p. 16-17). Essa afirmação contradiz o próprio princípio de igualdade que fundamenta a ideia de democracia. Por definição o Feminicídio não é democrático: ele é uma violência que ocorre contra a mulher, e não contra o homem.

As mulheres são assassinadas porque estão sujeitas à uma sociedade desigual, e certamente se vivêssemos em uma democracia plena, na qual as mulheres gozam dos mesmos direitos dos homens, não estaríamos assistindo nossos corpos serem empilhados.

> Você olha o perfil das vítimas e tem de tudo – negras, brancas, magras, gordas, ricas, pobres. O feminicídio é democrático. E também quis que o leitor se colocasse no lugar da protagonista. Por isso a ideia de não nomeá-la. (MELO *apud* BRANT, 2019, não paginado).

Como bem ilustram os dados oficiais, no Brasil, a desigualdade de gênero se estende à esfera política e encontra nela um poderoso aliado para a perpetuação do machismo e da misoginia no país. A pouca representatividade política das mulheres nos ajuda a entender a raiz da desigualdade de gênero no Brasil e mostra que essa sub-representação é um dos obstáculos para que tenhamos um pleno estado democrático de direito. Ainda que as mulheres compreendam 52,5% do eleitorado brasileiro,

> Na Câmara dos Deputados, por exemplo, das 513 cadeiras, apenas 77 são ocupadas por deputadas, o que corresponde a 15%. No Senado somente 12 mulheres foram eleitas para as 81 vagas, o que equivale a uma participação feminina de 14%. (MELLO, 2021, não paginado).

Essa desigualdade mostra que a luta do movimento feminista é também uma luta pela democracia. Nas questões que tocam à violência contra a mulher é difícil traçar uma linha divisória entre o pessoal e o social quando falamos de feminicídio, pois ao mesmo tempo em que

cada mulher é um ser único formado por várias intersecções (sexo, raça, religião, condição sócio-econômica etc.), é chocante ver que o feminicídio encontra na banalidade seu denominador comum. Como mulher e pesquisadora, espero que no futuro *Mulheres empilhadas* seja apenas um romance que fala sobre um tempo já distante, em que as mulheres ainda eram vistas como seres descartáveis, dignos de serem empilhados. Por enquanto, o romance continua sendo uma versão ficcional da realidade de muitas brasileiras.

Referências

ACRE. Tribunal de Justiça. Poder Judiciário do Estado do Acre. **Erradicar a violência contra mulher e garantir a vida é missão da Justiça do Acre**. Rio Branco, AC: TJAC, 2020.

BOND, Letycia. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia. **Agência Brasil**. 01/06/2020.

BRANT, Ana Clara. Patrícia Melo lança em BH "Mulheres empilhadas", sobre feminicídio. **Uai**. 06/11/2019.

CAMPOS, Carmen Hein de. Feminicídio no Brasil: uma análise crítico-feminista. **Revista Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 103-115, 2015.

CERQUEIRA, Daniel *et al*. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021.

CITRON, Danielle Keats; FRANKS, Mary Anne. Criminalizing revenge porn. **Wake Forest Law Review**, v. 49, 2014.

CONCEIÇÃO, Pedro. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2019**. ONU – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. New York: PNUD, 2019.

GOMES, Izabel Solyszko. Feminicídios: um longo debate. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n239651.

HOOKS, bell. **O Feminismo é Para Todo Mundo**: Políticas Arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
MELO, Patrícia. **Mulheres empilhadas**. São Paulo: Leya, 2019.

MELO, Patrícia. **Sempre um Papo** [Entrevista]. 20/12/2019.

MELLO, Karine. Com pouca representatividade política, mulheres ainda buscam direitos. **Agência Brasil**. Brasília: 09/03/2021.

PASINATO, Wânia. **Diretrizes Nacionais Feminicídio**: investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres. Brasília: ONU Mulheres, 2016.

PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Maria da Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de. Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 374-383, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth lara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Fernanda Braga da. **A Representação da violência contra a mulher na Obra Mulheres empilhadas**: notícias de feminicídio. 2020. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos Literários e Ensino de Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

SILVA, Júlio César Casarin Barroso. Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 143-165, abr. 2013. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100008.

Recebido em: 31 de agosto de 2021
Aceito em: 05 de dezembro de 2021